

## **Troca de Saberes e Conversa de Monólogos**

**Oneide Bobsin**

A ciência é fragmentária, incompleta; só avança lentamente e jamais está concluída; a vida, entretanto, não pode esperar...

(E. Durkheim.)

Às vezes tenho a impressão de que a diferença entre a fala das pessoas das ciências e o senso comum do povo pode ser apenas de intensidade. Exemplifico esta suspeita que me perseguiu durante a Semana Teológica com a avaliação que uma senhora, líder da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas, faz das pregações nos cultos de sua comunidade: “Se 50 pessoas escutam uma prédica, com certeza teremos 50 opiniões diferentes”. Relativismo, por um lado, ou garantia de democracia da comunidade, por outro, o exemplo nos remete à palestra de Hugo Assmann, da qual realço uma afirmação que se refere à enorme dificuldade de comunicação entre os diversos mundos. Cito um exemplo para quem não teve a oportunidade de ouvi-lo: a comunicação entre o mundo da aluna e o da professora é reduzidíssima. A mesma avaliação pode ser estendida a outras situações que implicam relacionamentos simétricos ou assimétricos. Lembro-me do enorme grau de dificuldade de comunicação entre os leigos e os pastores e pastoras. O conteúdo teológico e os imperativos éticos do mundo do clero quase sempre estão distantes da cosmovisão da comunidade. Suspeito de que a comunicação entre os dois ocorra em níveis que fogem ao controle do clero.

O poeta Fernando Pessoa fala da dupla existência da verdade. Tento reproduzir de memória um texto lido tempos atrás. Pessoa refere-se a encontros, em diferentes momentos do dia, com dois amigos que se queixam da mesma situação. Cada um tem sua versão e parece contar a verdade. O poeta conclui que as opiniões são contraditórias, não obstante se referirem ao mesmo fato. Assim, diante de duas versões verdadeiras, conclui que nenhum dos amigos está mentindo. Há uma dupla existência da verdade. Isto nos lembra os diferentes evangelhos que testemunham a obra de Cristo pela humanidade. Exagerando a afirmação de Pessoa, poderíamos falar da quádrupla existência da verdade.

A palestra do antropólogo Carlos Alberto Steil faz excelentes referências a esta problemática, a partir de uma pesquisa entre romeiros do sertão nordestino.

Para o autor de *O Sertão das Romarias*, os romeiros e os padres não se entendem, o que não os impede de viverem com suas religiões distintas na mesma instituição eclesial. Intuindo, pois, o conteúdo do livro de Steil, a partir de seus comentários na palestra, arriscaria dizer que os romeiros buscam bênçãos e os padres respondem com exigências éticas da Igreja Católica. Seria interessante ver onde os dois mundos se encontram e qual a distância entre eles. Para corroborar esta questão, cito a frase que o antropólogo Pierre Sanchis atribui a um amigo seu: "Não há diálogo, mas conversa de monólogos". Sanchis se refere às possibilidades de diálogo entre teologia e ciências sociais. Parece que a mesma questão pode ser estendida à comunicação entre o clero e os fiéis.

Mas não precisamos apelar aos poetas ou aos romeiros do sertão nordestino para levantar questões a respeito do compasso e descompasso entre diversas disciplinas, ou destas com outros saberes nem sempre autorizados pelos donos do poder. Duas das muitas conversas pré-batismais na Comunidade Evangélica de Sapucaia do Sul, onde atuei por dez anos como pastor, levantam questões relativas às dificuldades de comunicação entre a teologia oficial e os sentidos teológicos dos fiéis.

Vamos, pois, ao exemplo. O encontro aconteceu na casa do pai e da mãe da criança a ser batizada. De início, madrinhas e padrinhos se apresentaram e disseram alguma coisa sobre sua participação em comunidades religiosas. Como o círculo familiar e de amizade compreende pessoas de vários credos, as relações de compadrio geralmente são ecumênicas.

Depois desta conversa inicial, o pastor fez uma breve exposição sobre o batismo. Para isto, traduziu para uma linguagem coloquial o conteúdo teológico exposto em textos preparados para este fim. A esta exposição didática, aparentemente compreendida por todas as pessoas, seguiu-se um diálogo sobre o significado do batismo. De modo geral, o diálogo foi muito rico, mas tematizou pouco o assunto em foco. As pessoas fizeram muitas perguntas sobre as religiões, expressando, assim, o pensamento teológico da comunidade, profundamente colado às questões práticas e existenciais. Falaram sobre muitos assuntos sem se utilizarem da linguagem do pastor. Dentre as muitas afirmações, destaco uma da mãe do menino a ser batizado, que fechou a discussão: "Pastor, sempre dizem que, depois do batismo, termina a dor de barriga das crianças". O quanto a dor de barriga da criança era fruto das preocupações e temores da mãe pelo filho ainda "pagão", é assunto para pesquisadores e psicanalistas.

Para atordoar mais um pouco as teólogas e os teólogos, apresento outro caso. Após ter seguido os mesmos passos dos diálogos pré-batismais, a mãe levanta uma pergunta que parece não ter nada a ver com a conversa: "Pastor, no culto do batizado queria que o senhor rezasse, porque sonho seguidamente com minha mãe, que morreu há 13 anos". Mesmo parecendo que sua pergunta desconsiderava o batismo enquanto tema que nos reunia, não ousaria afirmar que a mãe da criança tenha desconsiderado a fala pastoral.

Os dois exemplos da Comunidade Evangélica de Sapucaia não podem ser apresentados como exceção, muito menos ser atribuídos a uma dificuldade pessoal de comunicação do pensamento oficial sobre o assunto. Dificuldades pessoais de comunicação existem, mas não é delas que estamos tratando aqui. Com isso afirmo que há um sistema religioso complexo nas comunidades, o qual deita suas raízes no lençol freático comum dos seres humanos e se apropria do discurso eclesial, dentro de uma lógica que se orienta por uma visão mais prática e ligada às questões fundamentais da existência, remodeladas pelas condições conjunturais, econômicas, políticas e culturais.

Antes de continuarmos as reações a questões levantadas pelas palestras da Semana Teológica, na perspectiva do diálogo entre a teologia e outras ciências ou saberes, gostaria de levantar duas questões. Primeira: a forma como comunicamos os conteúdos básicos da teologia evangélico-luterana contempla as novas perguntas que brotam de pessoas que estão situadas num contexto muito diferente daquele em que aconteceu a Reforma? Segunda: a sociedade não teria se apropriado do batismo de tal forma que a Igreja permanece com a tarefa de administrá-lo, sem influenciar significativamente o conteúdo teológico? Penso que as discussões sobre a idade do batismo não tangenciam esta questão de fundo.

Levanto estas questões a partir das ciências da religião, cujo objetivo, a meu ver, reside em estudar o solo e não a semente.

Perseguindo a pergunta pela comunicação intra-mundos e inter-mundos, procuro resumir o estudo de caso\* que foi lido integralmente no painel final da Semana Teológica.

Dona Tereza estava doente. Apresentava sinais inequívocos de esquizofrenia. Em razão desta doença, fazia tratamento psiquiátrico.

Como a situação se arrastava sem apresentar grandes avanços, por sugestão de alguém ela foi levada a um terreiro de umbanda. Ao chegar lá, relata o antropólogo, a mãe-de-santo, chamada Lurdes, pediu que os parentes desamarrassem dona Tereza. Cabe lembrar que esta era levada amarrada ao hospital, quando entrava em crise. No terreiro, ela foi desamarrada. Medicina e terreiro procedem de formas diferentes.

A consulta ocorreu diante da mãe-de-santo e dos familiares. Dona Lurdes fez um diagnóstico, seguido de terapia. Os sintomas eram vários. Destaco dois: a mulher perdia a memória e saía seminua de casa. Enfim, era considerada anormal. De acordo com o diagnóstico da mãe-de-santo, a enferma estava carregada com sete encostos. Cada sintoma de anormalidade correspondia a um encosto. Para libertá-la dos encostos, dona Lurdes propôs terapias específicas. Dona Lurdes falava ora com dona Tereza, ora com o espírito dela.

Os espíritos que haviam se encostado em dona Tereza eram vários. E todos estavam ligados a ela por sentimentos de inveja, ódio, ciúme, etc. Para cada espírito, pois, a mãe-de-santo contou uma história. Assim, ela construiu uma

história plausível, tanto a partir de sua imaginação quanto dos dados repassados pela enferma e pelos familiares.

A mãe-de-santo disse que não iria tirar todos os encostos de uma vez, pois, se assim procedesse, a mulher morreria. Em outras palavras, se transformaria numa pessoa sem história.

Para libertar a mulher dos encostos maléficos, a mãe-de-santo receitou rituais. A cada encosto correspondia um procedimento diferente. Os espíritos maléficos foram mandados de volta para o astral, e os outros, ligados a dona Tereza por bons sentimentos, permaneceram com ela.

O antropólogo José G. Magnani toma o caso para exemplificar a lógica de classificação dos saberes que foram envolvidos na busca da cura: o psiquiátrico e o religioso. Se a medicina oficial cura, com sua lógica de classificação, ninguém diz que houve milagre. Agora, se há um reordenamento simbólico através de uma história construída por uma mãe-de-santo, fala-se em curas e milagres. Segundo a antropologia, nada “de fora” interferiu no caso; houve, isto sim, a interferência da lógica de um outro saber reorganizando o caos. Além do mais, a comunicação entre a mãe-de-santo e a consultante foi extremamente facilitada pela presença dos familiares e pela inexistência de muros socioculturais. As pessoas faziam parte do mesmo universo, o que nem sempre ocorre entre médico e doente, entre pastor e fiéis, professora e alunos, conhecimento popular e erudito... Assim, com este caso, reiteramos a dificuldade de comunicação entre saberes distintos e, às vezes, distantes.

O caso da mãe-de-santo lembra-me das perguntas feitas pelos membros da comunidade em que fui criado a respeito do tempo de estudo para formar um pastor ou pastora. Para os agricultores, cuja maioria não havia concluído o curso primário, era incompreensível que fossem necessários tantos anos de estudo para exercer o pastorado.

Em contrapartida, alguém justificava o longo período de estudos em função do fato de que o pastor ou pastora deveria saber dialogar, de igual para igual, com médicos, engenheiros e outras pessoas “estudadas”. Com certeza, foram os próprios pastores que divulgaram tal justificativa.

Por que faço referência a este assunto? Em primeiro lugar, porque é preciso relativizar a forma pela qual foi justificada a necessidade de tanto estudo para se chegar ao pastorado. Em segundo lugar, para questionar um pré-conceito e dizer que, na prática, pastores e pastoras estão, de fato, diante de agricultores, operários e outras tantas pessoas que não passaram pelos bancos escolares — i. é, “não-estudadas” — cujos saberes são tão complexos quanto o pensamento dos eruditos.

Por esta razão, as pessoas que estudam Teologia, como outros profissionais que lidam com seres humanos, precisam aprender em dobro, pois exige-se delas o conhecimento de outros saberes, a fim de evitar o “diálogo de monólogos”. Vejam bem, ninguém está exigindo que o pastor ou a pastora tenha domínio de outras áreas de conhecimento. Onisciência é, graças a Deus, um atributo divino.

Infelizmente há profissionais em nosso meio que têm resposta para tudo; o que, na maioria das vezes, equivale a nada. Então, para não assumir a onisciência divina, é bom ter um conhecimento geral que permita dialogar e trabalhar com profissionais de outras áreas de conhecimento e de outros saberes não-eruditos. Portanto, o ecumenismo precisa alcançar o campo das ciências e dos saberes para que a alteridade seja uma realidade também neste meio racional e mítico.

Concluo lembrando o apóstolo Paulo: “Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência (...), se não tivesse amor, eu nada seria” (1 Co 13.2).

### **Nota**

\* José G. MAGNANI, Curas e milagres, in: *A religiosidade do povo*, São Paulo : Paulinas, 1984, p. 123- 149.

Oneide Bobsin  
Escola Superior de Teologia  
Caixa Postal 14  
93001-970 São Leopoldo — RS